

DANIEL AMORIM

zona de sombra

Editora Penalux, 2020



Rua Marechal Floriano, 39 - Centro
Guaratinguetá, SP - 12500-260
penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

REVISÃO

Susy Elaine da Costa Freitas

PROJETO GRÁFICO

Cintia Belloc

FOTO DA CAPA

Robert Coelho

FOTO DO AUTOR: Rafael Ramos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A811z AMORIM, Daniel.

Zona de sombra / Daniel Amorim – Guaratinguetá, SP: Penalux,
2020.

108 p.: 21 cm

ISBN 978-65-990066-3-0

1. Contos I. Título.

CDD: B869.93

Índice sistemático:

1. Literatura brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

MEIA-NOITE SOBRE O RIO

HAVIA UM PEDAÇO DE FIO DENTAL e manchas na tampa da lixeira, e Cibele sentiu uma leve náusea, uma ideia meio blasé absolutamente fora do contexto daquela festa. Contemplou-se por instantes no espelho, esperando a próxima batida na porta. Ninguém. Respirou fundo, jogou o papel higiênico com cuidado na sacola, fechou a porta e voltou à sala.

A música bate-estaca ressoava num volume perturbador. Braços e mãos flutuando sob os relâmpagos da luz ambarina, cuja fonte Cibele ainda não conseguira descobrir. Avançou a passo lento, como se estivesse entrando naquela sala pela primeira vez. Esticando a cabeça, tentava reconhecer os rostos na quase penumbra. Mais uma vez sua atenção foi atraída para o tapete com a estampa de mandala – o elemento que tornava definitiva sua impressão de participar de um filme surrealista.

Um casal de gays esqueléticos cheirava cocaína sentado no único sofá do cômodo. A nota de um dólar alongada sob o nariz reptiliano do rapaz mais velho, que ela observa desde

que chegou ali. Ele lembrava Jonas, seu colega da terceira série que costumava socar a cabeça na parede antes de o sinal tocar. Certa manhã, Cibele flagrou-o numa espécie de ritual cujos aspectos ela reconheceu mais tarde, ao assistir a um documentário em que judeus apareciam fazendo reverência ao muro das lamentações.

Não se tratava de religião, porém, muito menos de tradições. O pai de Jonas era alcóolatra, e ele se sentia culpado pelas surras que o homem desferia na esposa e em Toby, o vira-latas da família, sem razão aparente. Mas Cibele só descobriu isso anos mais tarde, já entrada na adolescência, por meio de uma amiga em comum que morava na mesma rua de Jonas.

Aquele nariz. O nojo e o temor que cocainômanos inspiravam em Cibele não foram suficientes para convencê-la a desistir de se aproximar do rapaz e, curvando-se, estender a mão e perguntar se ele havia cursado a terceira série do Fundamental em determinado colégio no ano de mil novecentos e noventa e oito. O rapaz observou-a com um sorriso de deboche. Depois de um minuto de tensão, ele respondeu que sim. Por sua vez, o parceiro recostou-se no braço do sofá, fungando, imerso num tédio abissal. Cibele pensou que era uma maneira de dizer o quanto a conversa o desagradava, porém, ela não arredou o pé dali.

“Um tiro para comemorar o reencontro”, disse Jonas, oferecendo a Cibele uma carreira de pó mal arranjada sobre a bíblia mórmon. Cibele sente o corpo gelar. Não conseguiria suportar a gozação do rapaz, e tanto pior se o parceiro fizesse

coro à gargalhada de Jonas ao ouvir a recusa. Avançou um pouco, hesitante, e deu uma longa aspirada. “Uou. A moça pega pesado”, debochou Jonas, recuperando a edição com letras douradas na capa. O cérebro dela parecia deslizar a toda velocidade num tobogã serpenteante.

“Meu pai costumava ler antes de dormir”, sussurrou Cibele, sem perceber que havia acabado de se instalar no meio do sofá. Jonas ergueu as sobrancelhas, indagando em silêncio sobre o que ela estava falando. “A bíblia. O mesmo modelo. Um presente do patrão. Ele abria numa página aleatória e lia o trecho escolhido enquanto mamãe massageava os tornozelos dele com óleo de cânfora. Papai gostava de voltar para casa a pé. Dizia que esse hábito o ajudava a manter a forma. Mas os sapatos atrapalhavam, eram largos demais, por isso chegava em casa queixando-se de dores terríveis”.

O parceiro, vestido com uma jaqueta jeans desbotada sobe a camiseta preta, indiferente ao calor, solta outro suspiro.

“E o telescópio?”, ela pergunta a Jonas.

“O quê?”

“O telescópio que você disse que ia construir com as próprias mãos. Conseguiu?”

Jonas sorri, guardando o livro e a nota falsa no bolso.

“Ah. Faltaram poucas peças para finalizar o serviço, era um trabalho de pesquisa meio árduo. Então desisti. Comecei a fabricar objetos mais úteis. Cachimbos, por exemplo”.

“Que pena. O pessoal da sala duvidava da sua capacidade, chegaram a fazer apostas e tudo, mas no fundo sentiam

uma enorme inveja de você”. Cibele precisa urgentemente de um gole de qualquer coisa.

“Entendo. Bom, só tenho que agradecer. Graças aos meus colegas, tive a exata noção do que eu *não* deveria me tornar”. Jonas levanta-se de um salto. “Vamos dar uma volta”, declara, alisando a calça e ajeitando o blazer. Em questão de segundos ele alcança a porta, que está aberta, seguido por Cibele e o namorado. O eco da música vai se perdendo no corredor enquanto as lâmpadas disparam sobre as cabeças do trio. Cibele agora se vê a partir de vários ângulos: de costas, a figura no vestido de alça leve oscilando num giro de noventa graus; emoldurada no olho mágico à sua frente, avançando rumo ao elevador; parada diante da porta de aço escovado, de braços cruzados, atingida pelo súbito apagar das luzes.

A porta enfim se abre. O ruído dos sapatos no saguão imaculado. O tilintar das chaves. O Sedan preto que percorre a avenida ladeada por palmeiras. Condomínios de luxo perto da praia, suas guaritas enfeitadas de renas e trenós que piscam desvairadamente. Brisa noturna. Cibele então percebe que esqueceu de se despedir de Beatriz, a anfitriã da festa e única pessoa que ela conhecia ali. Na próxima semana ela viajará para Curitiba, onde vai trabalhar como bolsista de um projeto arquitetônico. Cinco mil reais, vale-alimentação e plano de saúde. O suficiente para pagar o aborto e sobreviver por mais dois meses. Ela sente a pontada do ressentimento, mas desta vez resolve abstraí-la. Seus dedos, longos e ágeis, perfuram o vento que avança na contramão.

Cibele nota que Jonas a observa no retrovisor. O namorado revolve obsessivamente os cabelos ondulados. Jonas vasculha na caixa de marcha, oferece uma bala de menta com rum à passageira. Um frio inusitado toma as ruas do bairro de classe média alta, os termômetros indicam 28 graus mas Cibele desconfia que a temperatura baixou um pouco além disso. Cobre os braços com as mãos ossudas. Jonas aciona um botão no painel, as janelas sobem fazendo um ruído de sucção.

O ar dentro do carro se torna lentamente opressivo. Cibele ainda não entendeu por que o motorista prefere deixar o rádio desligado, talvez uma melodia amenizasse a tensão criada pelo rapaz no banco do passageiro. Ela conclui que seu ex-colega é um tarado, um fetichista ávido por tortura psicológica e lâminas pontiagudas. Agora é tarde demais para tentar escapar.

Jonas estaciona diante da parede de concreto que divide o calçadão da areia. Nenhum banhista, nenhum casal ou bandidos à vista. O fluxo das águas cessa antes de chegar à praia, desaparecendo de repente, como se tragado pela escuridão profunda que domina o horizonte. À direita, cintilam as janelas do hotel de luxo, hoje não tão requisitado, e Cibele lembra das festas que atraíam gente de todas as classes sociais, uma época que já se perdeu no passado.

“A bebida”, declara Jonas, assobiando.

O namorado prontamente dá a volta no carro, abre o porta-malas e retira dali a garrafa de White Horse. Jonas abre a tampa com uma mordida, toma o primeiro gole e entrega

a garrafa a Cibele com um gesto formal. O travo na garganta desaparece. Ela agradece e pergunta qual a profissão de Jonas.

“Artes plásticas. Instalações, *street art*, essas coisas”.

Cibele não consegue segurar o riso.

“Qual é a graça?”

“Jamais pensaria que você trabalha com isso. Pelo menos a tua roupa sugere algo diferente”.

Jonas suspira.

“É uma perspectiva meio tosca, porém válida, de encarar as coisas. Sou avesso a badalações desse meio, a essa turminha que está sempre aprontando algo. Prefiro ficar quieto, observando, coletando informações para o meu trabalho”.

Jonas bebe outro gole, apoia as mãos na calçada e, ofegante, faz vinte flexões num tempo recorde. Ergue-se, sacode os braços como um cata-vento ambulante. Seu corpo irradia eletricidade e iniciativa. O namorado fuma sentado no capô do carro.

“E o teu pai? Ainda tá vivo?”, Cibele arrisca, à queima-roupa.

Jonas se detém por um minuto, contempla o rio, enfiando as mãos nos bolsos da calça. Coça a orelha esquerda e se vira para encarar Cibele.

“Não foi culpa dele. A porra toda não foi culpa dele. Os jornais divulgaram notícias falsas, detalhes mal apurados, e a merda se prolongou além do limite do bom senso. Falavam em assassinato, o delegado era um fedelho recém-saído da faculdade de Direito que precisava aparecer e não contou conversa. A versão dele circulou por aí, e todo mundo se

convenceu rapidamente de que ele estava falando a verdade. Uma tragédia. Meu pai adorava a velha, não havia nem a mais remota possibilidade de ele encostar a mão nela. De modo que estou aqui, respirando um pouco antes de retomar luta. A gente nunca descansa, afinal de contas”.

Cibele sente-se confusa, perdida em meio a tantas informações desconstruídas. O namorado masca um chiclete. Neste momento um bêbado aparece, vindo da direção do anfiteatro, falando sozinho. Parece proferir uma espécie de sermão particular. Veste uma manta encardida e calção de futebol azul. Para diante do carro e estende a mão.

“Um golinho, por favor”, implorou o velho.

Cibele vê as gengivas arroxeadas pontuadas por lascas cor de alcatrão.

“Um golinho, meu patrão, por obséquio”, insistiu. “Feliz Natal”.

Jonas toma um gole da garrafa e degusta o líquido que escorre pelo lábio inferior, ao mesmo tempo em que observava o velho sem muito interesse.

O pedinte toma um pouco de fôlego e se prepara para repetir a frase quando é atingido por um chute do namorado. O corpo cai como um pedaço de papelão arrastado por um vendaval. Cibele leva as mãos ao rosto, muda e perplexa, enquanto o rapaz alterna os chutes com força na barriga do velho, que geme alto a intervalos regulares. O ato não dura mais de dois minutos, mas Cibele teve a impressão de que acaba de assistir a um ritual de iniciação presidido por um membro da Klu Klux Klan.

Este livro foi composto em Adobe Garamond Pro
para a Editora Penalux, e impresso em papel
off-white 80 g/m², em fevereiro de 2020.
